

“Qualé, papai! Um outro olhar sobre a paternidade adolescente”: O uso da fotografia no campo da Saúde Coletiva.

“Qualé, papai! Another look about the adolescent fatherhood “: the use of photography in the field of Collective Health.

“Qualé, papai! Una otra mirada sobre la paternidad adolescente”: el uso de la fotografía en el campo de la Salud Colectiva.

Maria José NOGUEIRA ¹
 Henrique Augusto Nunes TEIXEIRA ²
 Alberto MESAQUE MARTINS ³
 Carla Almeida CAPANEMA ⁴
 Samuel Moizés BARCELOS ⁵
 Celina Maria MODENA ⁶
 Virgínia Torres SCHALL ⁷

RESUMO: Assistimos na primeira década do século XXI uma resignificação dos sentidos atribuídos ao ser “homem” e também ao ser “pai”, sendo estes atualmente reconhecidos não apenas como provedores do sustento material e financeiro, mas como aptos a desempenhar tarefas e atividades antes identificadas como pertencentes ao universo feminino. Cada vez mais a paternidade deixa de ser apenas um dever a ser cumprido, passando a ser considerada um direito a ser exercido pelos homens. O objetivo desse trabalho é apresentar o processo de construção de um ensaio fotográfico intitulado “Qualé Papai! Um outro olhar sobre paternidade na adolescência” e analisar o potencial do mesmo para criação de espaços críticos reflexivos para o diálogo sobre a temática. O estudo foi realizado em uma área periférica Belo Horizonte-MG, denominada Vila Cafezal. Ao final do processo foram escolhidas 16 fotos, para compor a mostra fotográfica. Faz parte também da exposição um

1 Socióloga, Doutora em Ciências (FIOCRUZ), Pesquisadora da Escola de Saúde Pública do Estado de Minas Gerais.

2 Fotógrafo e Artista Visual, Mestre em Artes (UFMG), bolsista da CAPES.

3 Psicólogo, membro do Laboratório de Educação em Saúde e Ambiente (LAESA) do Centro de Pesquisas René Rachou (CPqRR) - Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ) - MG

4 Psicóloga, Psicanalista, Doutoranda em Estudos Psicanalíticos pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), bolsista da CAPES.

5 Sociólogo, membro do Laboratório de Educação em Saúde e Ambiente do Centro de Pesquisas René Rachou da Fundação Oswaldo Cruz (CPqRR/FIOCRUZ – MG).

6 Psicóloga, Pós-Doutorado em Saúde Coletiva, Professora do Curso de Gestão de Serviços de Saúde da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e Orientadora do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde do Centro de Pesquisas René Rachou da Fundação Oswaldo Cruz (CPqRR/FIOCRUZ – MG).

7 Psicóloga, Doutora em Educação (PUC-RJ), Pesquisadora Titular e Coordenadora do Laboratório de Educação em Saúde e Ambiente do Centro de Pesquisas René Rachou da Fundação Oswaldo Cruz (CPqRR/FIOCRUZ – MG).

mural de fotos em preto e branco com imagens sobrepostas por fragmentos das falas retirados das entrevistas realizadas com os pais. A exposição percorreu espaços públicos no município de Belo Horizonte com grande presença de adolescentes, seguidas de rodas de conversa e debates com os jovens. A análise do processo de construção do ensaio fotográfico “Qualé Papai!” e o discurso dos adolescentes apontam para o potencial do uso da fotografia no âmbito da Saúde Coletiva, revelando tratar-se de um importante dispositivo capaz de disparar processos de significação e produção de sentido, indispensáveis para as práticas de promoção, educação e comunicação em saúde.

Palavras-chave: Adolescente. Paternidade. Fotografia. Comunicação em Saúde.

ABSTRACT: In the first decade of this century, it is observed a change of meanings attributed at “to be-man” and also at “to be father”, recognized now not only as providers of financial and material support, but also as able to perform tasks and activities before identified as belonging to the feminine universe. Increasingly paternity becomes not only considered as a duty for to be fulfilled, but as a right by men. The aim of this paper is to present the process of building a photographic essay titled “Qualé Papai! Another look about the adolescent fatherhood “and analyze your potential for to create spaces of critical-reflective dialogue about the issue. The study was conducted in an area peripheral in Belo Horizonte-MG, called Vila Cafezal. In end of the process were chosen 16 photos to compose the photographic exhibition. It is also part of the exhibition a collection of black and white images with overlapping fragments of speeches drawn from interviews with parents. The exhibition toured public spaces in the Belo Horizonte city with great presence of teenagers, followed by rounds of conversation and discussions with young people. The analysis of the construction of the photographic essay “Qualé Papai!” and the adolescents discourse’ point to the potential of using photography in Public Health, revealing that this is an important device capable of firing processes of signification and meaning production indispensable for the promotion practices, education and health communication.

Keyword: Adolescent. Paternity. Photography. Health Communication.

RESUMEN; Hemos visto en la primera década del siglo XXI un cambio de los significados atribuidos a el “ser-hombre” y también a el “ser-padre”, que ahora son reconocidos no sólo como proveedores de apoyo financiero y material, sino también como capaces de realizar tareas y actividades antes identificadas como pertenecientes al universo femenino. Cada vez más la paternidad deja de ser un deber que debe ser ejercido, pero si, un derecho de los hombres. El objetivo de este trabajo es presentar el proceso de construcción de un ensayo fotográfico llamado “Qualé Papai! Una otra mirada sobre la paternidad” y analizar el potencial del mismo para crear espacios para el diálogo crítico-reflexivo sobre el tema. El estudio se realizó en una zona periférica de Belo Horizonte-MG, llamada Vila Cafezal. Al final del proceso se eligieron 16 fotos para componer la muestra fotográfica. También es parte de la exposición una colección de imágenes en blanco y negro con la superposición de fragmentos de discursos elaborados a partir de entrevistas con padres. La exposición viajó los espacios públicos en la ciudad de Belo Horizonte, con gran presencia de las rondas de adolescentes, seguida por rodas de conversaciones y discusiones con los jóvenes. El

análisis de la construcción del ensayo fotográfico y lo discurso de los adolescentes señalaron la posibilidad de utilizar las fotografías en la salud colectiva, revelando tratarse de un importante dispositivo capaz de disparar procesos de significación y producción de sentido indispensables para las prácticas de promoción, educación y comunicación en salud.

Palabras Clave: Adolescente. Paternidad. Fotografía. Comunicación en Salud.

INTRODUÇÃO

Assistimos na primeira década do século XXI uma resignificação dos sentidos atribuídos ao ser “homem” e também ao ser “pai”, sendo estes atualmente reconhecidos não apenas como provedores do sustento material e financeiro, mas como aptos a desempenhar tarefas e atividades antes identificadas como pertencentes ao universo feminino. Os novos padrões de paternidade apontam para um modelo de pai que se preocupa em demonstrar afeto e carinho aos filhos, participante da vida escolar dos mesmos, além de dividir as tarefas do cuidado, antes denominadas apenas às mulheres¹. Cada vez mais a paternidade deixa de ser apenas um dever a ser cumprido, passando a ser considerada um direito a ser exercido pelos homens².

Considerando-se a produção científica nacional estudos chamam a atenção para o crescimento do volume de estudos e publicações voltados para a compreensão do fenômeno da paternidade adolescente, revelando tratar-se de um tema em expansão^{3,4}. Por outro lado, embora o tema pareça estar se consolidando no meio acadêmico-científico, ainda mostram-se incipientes as propostas de intervenções com a participação de adolescentes e jovens, sejam eles pais ou não⁵.

Nessa perspectiva, o objetivo desse trabalho é apresentar o processo de construção de um ensaio fotográfico intitulado “Qualé Papai! Um outro olhar sobre paternidade na adolescência” e analisar o potencial do mesmo para criação de espaços críticos reflexivos para o diálogo sobre a temática. Trabalhar com temas da Saúde Coletiva através da fotografia requer um exercício complexo de compreensão transdisciplinar sobre a imagem, fotografia e as questões ligadas aos sujeitos implicados neste processo. Para construirmos o mapeamento teórico-metodológico necessário para apresentar a experiência faremos algumas problematizações acerca da imagem. Desde já, ressaltamos que não existe forma unidimensional de entender fenômenos complexos, apenas cartografias possíveis que um sujeito específico opera, em seu percurso reflexivo, em busca de um ponto de vista de onde possa elaborar essa experiência de ensaio fotográfico. Serão colocadas a seguir algumas propriedades a partir das quais este texto trata a imagem fotográfica para operá-la no contexto da pesquisa sobre paternidade adolescente.

Fotografia e (in)visibilidades: câmeras e pais adolescentes.

Em algum momento, todos os outros sujeitos se tornaram seres passíveis de produzir imagens. Privilégio assegurado historicamente aos poucos detentores dos meios do fazer, a criação de imagens técnicas atesta a existência de uma determinada visão de mundo. Em um passado recente,

a autonomia criativa, restrita, assegurou a perpetuação de modos de perceber associados a um tipo de elite cultural e/ou econômica⁶.

É inviável, no entanto, pensar a existência contemporânea, coalhada de bugigangas como aparelhos celulares, *Ipods* e câmeras digitais, sem pensar em produzir e circular algum tipo de imagem⁷. Nas ruas, aquele outro, o diverso, o passante, a pessoa comum, o vizinho, morador de favela ou de áreas mais abastadas, já não é invisível, pois carrega em si os meios de atestar sua própria existência através das fotografias que cria. Pais, antes invisíveis, passam a ter meios de existirem socialmente através de sua presença enquanto imagem nos álbuns familiares de recordação.

A maioria das pessoas sente necessidade de produzir imagens como se o ato de fotografar em si fosse indispensável ao ato de ver bem como existir⁸. Não fotografar momentos afetivos é não funcionar socialmente, não existir. Não figurar enquanto corpo presente nestas fotografias é, também, um ato de morte, negação da memória⁹.

As imagens hoje se transformaram em uma espécie de código pós-moderno onde a própria vida é fruída, mais real que o real. A vida concreta passa a ser significada através da narrativa visual construída pelas múltiplas câmeras acopladas aos sujeitos. A foto do aniversário se confunde com o evento e em muito o supera – ultrapassa sua coordenada de localização tempo/espacial ao se instalar e multiplicar nas redes que esse sujeito transita¹⁰.

É ingênuo pensar que a massiva produção de imagens muda o *status quo* do poder estabelecido através da imagem. O que muda então? O que acontece nesse contato protético, massivo e obsessivo do ser configurado pelo aparato de produzir e mediar imagens?

Talvez a capacidade de re-imaginar os sistemas simbólicos em que os sujeitos estão inseridos, desfuncionalizar sua expressão apenas no nível comunicacional e a cambiar para uma capacidade metafórica poética de propor uma expressão autônoma possa dar conta, se não de uma resposta, de uma proposição desafiante. Desta hipótese nasce a noção de que os pais adolescentes, relegados muitas vezes a uma existência invisível, possam, ao serem fotógrafos e fotografados, trazer novos contornos a dimensão do problema. Fotografar neste contexto é refletir, é organizar visualmente um sistema de ideias, mas é também interferir em um sistema ordenador visual exterior ao próprio indivíduo. Mostrar as imagens de pais adolescentes, suas famílias, filhos e filhas é contagiar o sistema simbólico imagético com novos dados. É acessar a memória social coletiva através de imagens¹¹.

A relação entre a fotografia, e a memória coletiva é intrínseca. Jaques Le Goff¹¹ argumenta a respeito de como a foto “revoluciona a memória: multiplica-se e democratiza-se, dá-lhe uma precisão e uma verdade visuais nunca antes atingidas, permitindo assim guardar a memória do tempo e da evolução cronológica” (p.39). É notório que, apesar da aparente semelhança, as imagens técnicas são fabulações. Reside aqui outro perigo perceptivo da contemporaneidade: apesar da evolução dos recursos de manipulação da imagem, esta ainda é considerada por muitos como

depositária fiel da memória¹².

Considerando estes argumentos sobre memória, usos sociais e potenciais imagéticos, pode-se conceber que a imagem fotográfica é uma modalidade de expressão humana rica de possibilidades. Campo minado, onde cada agente estabelece uma rota própria de aproximações, análises e apropriações, continua a instigar desde seu invento o interesse de diversos grupos de poder.

Jaques Aumont, em seu livro *A imagem*, indaga sobre a possibilidade de estarmos imersos em uma pretensa civilização lastreada em trocas simbólicas alicerçadas na imagem:

As imagens, isso é inegável, há mais de 100 anos multiplicaram-se quantitativamente em proporções impressionantes e sempre crescentes. Além disso, percebemos que essas imagens invadem nossa vida cotidiana, que seu fluxo não pode ser contido (pp. 313-314).

A imagem se encontra além da comunicação, da história e da arte; está a um só tempo dentro e fora dos campos de sistematização do conhecimento e os perpassa. E se configura, dentro das ciências humana, devido a seus usos sociais, como uma poderosa interface de aproximação. Constitui-se, por essa via, instrumento de visibilidade, ferramenta de exercício de alteridade bem como de poder sobre o outro.

Ao fotografar, um processo contínuo de aproximação e distanciamento se estabelece. Algumas partes do campo visual entram em foco enquanto outras são mergulhadas em opacidade até desaparecerem completamente. O pensamento sobre poética também se processa assim. Alguns elementos precisam ser esclarecidos, tornados nítidos, para que a percepção do todo seja bem composta.

Em contraposição a um discurso positivo que compreende a fotografia como espelho da realidade¹², ou como reapresentação da verdade dos acontecimentos, autores como Dubois¹⁴, Benjamin¹⁵ e Oliveira Junior¹⁶ destacam a fotografia como um fragmento selecionado da aparência das coisas, das pessoas, dos fatos, tal como foram esteticamente congelados num dado momento de sua existência/ocorrência. Segundo Salgado apud Morais¹⁷:

Existe uma corrente que diz que a fotografia é objetiva, representa uma realidade, nem mais nem menos. Ela é imparcial e mostra a realidade total. Não é verdade! Isto é a maior mentira do mundo. Você não fotografa com a sua máquina. É a coisa mais subjetiva que existe. Você fotografa com toda a sua cultura, com os condicionamentos ideológicos. Você aumenta, diminui, deforma, deixa de mostrar. A fotografia é uma maneira de viver, de continuar o trabalho social e ideológico. (pp.136)

Entende-se a foto como imagem que se processa através do tempo e não uma imagem retida no tempo. A fotografia tem uma materialidade, mas não possui uma objetividade, uma realidade

em “si”, não é o mero registro do real, mas uma construção¹⁸. Ela é construída pelos vários olhares através da subjetividade. Em sua dimensão simbólica temos não uma foto, mas várias fotos, ou fragmentos de uma realidade que pode ser retratada através do olhar do fotógrafo, o olhar do fotografado e o olhar de quem vê. Múltiplas percepções complementares, não excludentes que juntas formam uma trama imagética que nos permite resgatar o assunto fotográfico em sua extensão afetiva bem como potencializar sua eloquência retórica. Segundo Kossoy¹⁹:

Toda fotografia que tiramos se refere ao passado. Mesmo aquela que tiramos ou que tiraram de nós, no último fim de semana. Quando falo em passado quero dizer que o momento vivido é irresistível e que situações, sensações e emoções que vivemos estão registradas no nosso íntimo sob a forma de impressões. Estas impressões, com o passar do tempo se tornam etéreas, nubladas, longínquas. Tornam-se fugidias com o enfraquecimento de nossa memória, desaparecem, por fim, com o desaparecimento físico. (pp.137)

Quando as imagens do passado se desconectam de seus tempos intrínsecos, passamos a ter diante de nós ‘próteses’ fotográficas, cuja função é de ilustrar os mais diversificados temas; imagens ilustrativas que podem ou não, ter algum vínculo espacial/temporal com o tema tratado no texto ao qual é aplicada²⁰. Mas, afinal, por que fotografar estes pais?

Inserido em fluxos de vida, fotografar é uma forma de resistência. Como Ernesto Sábato coloca em seu livro *La Resistencia*: “é tempo, hoje, de resistir ao embotamento do sentir”²¹ (p.26). Ao organizar visualmente em um frame fotográfico uma coordenada de tempo/espaço, aquele que fotografa cria uma nova camada de relação com a vida que o cerca. Ato de entendimento que torna possível aos pais adolescentes existirem através do questionamento fotográfico desta realidade. Uma das idéias do estudo consistia na hipótese de que as fotografias potencializam depoimentos, fazendo vir à tona coisas que não seriam ditas em entrevistas ou mesmo em diálogos informais.

Em seu estudo sobre fotografia e Objetivação Kirst²² usou fotografias de um ambiente de trabalho bancário para que alguns trabalhadores, falassem sobre a temática. Em pesquisa de cunho etnográfico realizado por Sato²³, com o objetivo de descrever os processo organizativos e o trabalho na feira livre na cidade de São Paulo, a autora destaca o importante papel da máquina fotográfica e das imagens fixadas por ela. Por meio das fotografias e da máquina fotográfica foi possível estreitar os laços entre a pesquisadora e os feirantes bem como desencadear espontaneamente comentários dos mesmos, tornando públicos seus sentimentos, valores e suas apreciações sobre o universo de vida e do trabalho. A câmara como senha de entrada para o universo privado permite assim que a pesquisa possa ser concebida como um processo de construção de visibilidades.

METODOLOGIA

O estudo foi realizado em uma área periférica do Município de Belo Horizonte, capital do

Estado de Minas Gerais, Brasil, denominada Vila Cafezal. Juntamente com outras cinco vilas, esta comunidade constitui um aglomerado urbano que acumula uma série de desvantagens socioeconômicas. De acordo com dados censitários do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística a Vila Cafezal possuía, em 2001, uma população de 10.481 habitantes, sendo 92,6% cadastrados na Unidade Básica de Saúde²⁴. A região possui um IDH < 0,69 (PNUD, 2006), revelando o alto índice de vulnerabilidade social da população.

Participaram do estudo um grupo composto por 12 adolescentes, com idade entre 10 e 14 anos (08 meninos e 04 meninas) selecionados por sorteio aleatório dentre um grupo de 20 jovens que já participavam de um projeto sobre Sexo e Sexualidade na adolescência na Unidade Básica de Saúde da Vila Cafezal. Foram realizados seis encontros com os seguintes objetivos: (1) discutir a paternidade na adolescência, (2) refletir sobre a possibilidade do uso da fotografia enquanto intervenção social, (3) apresentar noções básicas de fotografia, (4) criar roteiro de entrevistas semi-estruturadas, (5 e 6) realizar entrevistas e fotos com os pais adolescentes em interação com seus filhos.

Os encontros foram realizados na perspectiva dos grupos operativos²⁵, uma vez que tal estratégia permite à reflexão, o diálogo, a exposição de práticas, dinâmicas e vivências que possibilitam a construção coletiva do conhecimento.

O Ensaio Fotográfico foi realizado a partir da visão de três atores: dos adolescentes do grupo de trabalho, dos pesquisadores e de um fotógrafo convidado. A idéia foi buscar a subjetividade e a desarticulação de qualquer abordagem tendenciosa ao retratar o tema. Para fomentar a produção das fotos, após contato entre as três partes do grupo, foi desenvolvido um roteiro orientador. Através do roteiro criou-se um banco de imagens correlatas que foram tratadas e selecionadas pelo fotógrafo, acompanhado dos pesquisadores e dos adolescentes, a fim de compor a mostra fotográfica.

Ao final do processo foram escolhidas 16 fotos, para compor a mostra fotográfica, intitulada “*Qualé, Papai! Um outro olhar sobre a paternidade adolescente*”). Faz parte também da exposição um mural de fotos em preto e branco com imagens sobrepostas por fragmentos das falas retirados das entrevistas realizadas com os pais (Figura 1).

Figura 1 – Amostra de parte das fotografias que compõem o ensaio fotográfico: “Qualé Papai! Um outro ol



A exposição percorreu espaços públicos no município de Belo Horizonte com grande presença de adolescentes: um Shopping Center, quatro instituições de ensino, três Unidades Básicas de Saúde, duas escolas públicas e uma Organização Não-Governamental. Nesses dois últimos foram realizadas rodas de conversa e debates com os jovens.

Com o objetivo de avaliar a potencialidade da fotografia em propiciar o debate acerca da temática realizou-se grupo focal com adolescentes selecionados através de sorteio aleatório em uma instituição que recebeu a exposição fotográfica, e foram convidados a participar do grupo. O grupo focal esteve pautado na análise da exposição fotográfica bem como nos sentidos sobre a paternidade mobilizados por esta intervenção.

O grupo focal foi realizado nas dependências da sede da Cruz Vermelha de Belo Horizonte, durante o processo de formação para atuação no mercado de trabalho oferecido por esta instituição. Participaram 11 adolescentes, sendo 06 do sexo feminino e 05 do sexo masculino, todos com idade de 16 anos. Destes, 02 estavam matriculados no 9º ano do Ensino Fundamental, 04 no primeiro e 05 no segundo ano escolar do Ensino Médio. Nenhum dos adolescentes participantes possui filhos. As entrevistas foram gravadas, transcritas e analisadas na perspectiva da Análise do Conteúdo²⁶.

Os responsáveis pelos adolescentes foram informados dos objetivos e procedimentos da pesquisa e assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido autorizando-os a participarem do grupo focal. O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética do Centro de Pesquisa René Rachou em conformidade com a Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para além da dimensão do registro documental, a fotografia configura-se como um importante dispositivo que favorece a criação de espaços de trocas e comunicação entre o pesquisador e os sujeitos de pesquisa²⁷. Deste modo, as imagens ocupam um importante papel enquanto mediadoras da realidade social e subsidiam a produção de sentidos.

O ato fotográfico não pode ser considerado como uma atitude neutra e descomprometida. Aquilo que é registrado ou não e a definição dos temas evidenciados, bem como daqueles silenciados, revelam o caráter ideológico do uso dos recursos midiáticos²⁸. Neste estudo a fotografia foi utilizada como um instrumento que possibilitou uma reflexão crítica sobre um tema pouco discutido: a paternidade na adolescência.

Os adolescentes participantes do grupo focal apontaram a paternidade adolescente como um tema silenciado e pouco evidenciado, contribuindo para a invisibilidade do jovem pai, seja nas ações educativas realizadas no contexto das políticas públicas, quanto nas suas vivências cotidianas e familiares. Para eles, enquanto as meninas desde a descoberta da gestação são cercadas por um cuidado especial, os rapazes quase sempre são desconsiderados ou, quando evidenciados, parecem assumir uma posição de coadjuvantes deste processo.

É muito importante poder falar da paternidade, porque tipo assim, sempre que a gente vê criança com mãe, fala só mãe, fala um monte da mãe. E o lado do pai? Ninguém fala isso! E o pai também é importante para uma criança, porque a criança não é cuidada só de mãe. Criada de pai também! (menino)

Porque na maioria das vezes, a parte que faz [ações educativas] é a das meninas. Os meninos nunca, assim, é posto em discussão. (menino)

A dificuldade do reconhecimento dos homens adolescentes nas práticas de paternagem encontra-se fortemente articulada ao modo como a paternidade e a maternidade são significadas culturalmente²⁹. Embora na contemporaneidade tenha sido possível constatar mudanças significativas no campo das relações familiares, ainda persiste uma divisão sexual do cuidado, produzindo a ideia de que as mulheres estão para a maternidade e suporte afetivo, enquanto os homens para a provisão material e a segurança da prole, estando assim pouco envolvidos afetivamente com os filhos². Este fenômeno reflete ainda as implicações das desigualdades de gênero que contribuem para a invisibilidade dos pais nas práticas de cuidado e na produção de representações negativas sobre os mesmos.

A fala dos estudantes também revela a forte associação da gestação na adolescência a um ato irresponsável e, muitas vezes patológico. Para eles, é recorrente a representação dos pais adolescentes como indivíduos resistentes, irresponsáveis e inconsequentes, opondo-se a todo instante ao exercício da paternidade. Neste sentido, o jovem pai estaria às voltas entre “sumir” ou “assumir” a responsabilidade pelo filho.

Toda vez que se fala assim: pais adolescentes, já põe aquilo: não, o homem vai vazar fora né! Como se diz: falou que a adolescente de 16 anos engravidou e o pai tinha mais ou menos a idade, já pensa irresponsabilidade. (menina)

Mas logo de cara você fala: fulana ficou grávida. Aí vem: ah e o pai? Sumiu! A primeira impressão vai ser esta: o pai não assumiu, sumiu e assim vira: tadinha da menina, sem saber. Agora, se você não for procurar saber, ver a história, você não vai conhecer, porque do mesmo jeito que tem quem não assume tem os que assumem” (menina)

Esta mesma representação parece orientar os profissionais de saúde e educação². A gestação ainda vem sendo considerada como sinônimo de maternidade, contribuindo para a dificuldade de reconhecimento dos pais como protagonistas do processo de gestação e criação dos filhos. Conforme apontam os entrevistados, essa divisão sexual do cuidado parece favorecer o distanciamento dos homens das práticas de paternagem.

Você vê todo mundo falar: “ah, a menina está grávida!” Aí só perguntam “quem que é o pai? Ah, fulano é o pai! Fulano não faz nada” Mas aí, a responsabilidade sempre cai mesmo é para a mulher. Nunca você quer ser aquela coisa assim: ah, virou pai! Entendeu? “– Ah ele fez um filho! Nunca. Cai mesmo é “ ah, ficou grávida, fulana.

Está grávida, esta esperando um filho”. Nunca a responsabilidade, você não, nunca mesmo, eu nunca ouvi falando assim “– ah! Virei pai!” Eu já ouvi falar, eu virei mãe, mas pai não”. (menino)

Vale retomar aqui, o sentido etimológico da palavra fotografia, dizendo respeito ao ato de escrever com a luz: foto=luz, grafia=escrita³⁰. Assim, neste estudo, o uso da fotografia, revelou-se como um dispositivo promissor para lançar luz e dar visibilidade a um tema (a paternidade adolescente) e a sujeitos (jovens pais) que até então ocupavam um lugar de invisibilidade.

Cabe destacar também o papel que os pesquisadores ocuparam neste processo. O uso da fotografia na pesquisa científica rompe com a suposta neutralidade favorecendo a vinculação entre os diferentes participantes²⁷. Nesta perspectiva, as imagens atuam como disparadores de processos de significações e os pesquisadores e o grupo como favorecedores de uma reflexão crítica sobre elas, assim possibilitando uma elaboração subjetiva nos diversos participantes. Ainda segundo esses autores, o pesquisador escolhe ideologicamente os temas aos quais quer dar visibilidade, faz um recorte sobre a realidade e convida os participantes a produzir sentidos sobre elas, ampliando as entrevistas para além da dimensão informativa, revelando o caráter reflexivo que permeia este processo. Conforme destacam Justo e Vasconcelos²⁷:

a relação do participante com a fotografia é não apenas iniciada pela pesquisa, mas mantida pelas atividades e entrevistas. O participante é convidado a mergulhar nas suas próprias memórias e representações sobre o que o cerca e o envolve.

A fotografia recebe duplamente o papel de dar visibilidade: mostrar o fragmento do mundo que seu autor escolheu para capturar e, por outro lado, fazer ‘ver’, resgatar memórias, construir sentidos para uma realidade que outrora era desapercibida. Mediado pelo pesquisador o contato com a fotografia impele os participantes a perceber, refletir e significar (p. 770, 771).

À medida que o grupo focal avançava e a partir do contato com diferentes fotografias que compõem o “Qualé Papai!” novos sentidos sobre o fenômeno da paternidade foram sendo produzidos, questionados e ressignificados, reforçando o caráter dialético e dialógico da metodologia utilizada. Diante das imagens de outros adolescentes com características semelhantes e que vivem em contextos similares aos seus, os adolescentes entrevistados parecem se projetar no mundo retratado na tela, refletindo em um deslocamento da posição de observador, gerando assim indagações pessoais:

Então chega aqui vocês mostram as fotos, aí a gente pode parar e refletir. Poxa vida, imagina, se eu fosse pai agora, a gente já sai da escola vem para cá e chega em casa a noite, imagina se tivesse um filho como é que seria? Muito, muito bom assim este ensaio fotográfico que deu para refletir para caramba! Você pode parar e pensar em o que está certo e o que está errado. (menino)

Na hora ali, igual eu falei com meu amigo: será que tem um lado bom de ser pai na infância? O quê que aconteceu? Eu comecei a pensar e vi uma coisa, será que você não amadurece mais não? Será que você, tendo uma pessoa pra você cuidar, será que você mesmo não se cuida de si e pega uma responsabilidade para si? (Menino)

As fotos também mostram que nem tudo que, que ter filho é bom também. Que as impressões das pessoas não são das melhores de ter um filho. Então, por exemplo, tem alguma coisa errada ali, porque que ele está triste e porque que ele está alegre? Ter filho é bom mesmo? (menino)

A partir do impacto das imagens fotográficas este jovem dialetiza a visão preconceituosa e negativa da paternidade adolescente, se aproximando dos resultados de um estudo realizado por Capanema et al.³¹, que apontou para a relevância que a paternidade pode assumir na subjetivação dos pais adolescentes, pois diferentemente de outros encontros que assombram o desamparo na adolescência - o aparecimento dos caracteres sexuais secundários, a mudança na imagem do corpo, o encontro com o real da sexualidade e o desligamento dos pais para que se possa encontrar outros objetos - a gravidez na adolescência pode ter a função de um chamado simbólico, na medida em que coloca o sujeito em uma outra posição na cadeia das gerações: de filho ele passará a posição de pai.

Conforme lembra Aumont¹³, é preciso romper com a ideia de que o observador ocupa um papel passivo frente à fotografia. Tendo em vista o processo de significação, o espectador (re)constrói a imagem fotográfica e a imagem fotográfica também o (re)constrói, transformando-o assim em um agente ativo e parceiro no processo de interpretação.

No grupo focal os adolescentes foram provocados pelas imagens fotográficas, possibilitando-lhes um trabalho de subjetivação através do resgate e reflexão sobre a sua própria história.

Então [após ver a foto] eu fui olhar dois exemplos que tenho perto de mim (menino)

Quando eu vi a exposição, aí eu reparei em uma foto de um rapaz colocando o óculos no filho e o outro levantando o filho brincando. Na hora eu lembrei da minha irmã! (menina)

Assim percebe-se que o uso de imagens e fotografias, enquanto dispositivos artísticos e tecnologias educativas, não podem estar dissociados dos espaços de circulação da palavra, reflexão crítica e produção de sentidos.

A fotografia encontra-se atravessada por sentidos denotativos e conotativos, sendo os primeiros associados à representação “real” da imagem fotográfica, por tanto de caráter concreto e, os

segundos referentes aos inúmeros significados possíveis de serem atribuídos à mesma imagem²⁸. O sentido conotativo retrata então, a polissemia e pluralidade presente no ato de interpretação fotográfica, carregando consigo marcas das histórias individuais e coletivas dos diferentes sujeitos que se colocam diante de uma mesma imagem.

Embora polissêmico e marcado por uma infinidade de sentidos, o processo interpretativo também é permeado por campos de consenso e de similaridades²⁸. Tratando-se de adolescente da mesma idade, com o mesmo perfil socioeconômico e que coexistem em um mesmo contexto e momento histórico, observa-se que o seu discurso encontra-se atravessado por representações semelhantes acerca do fenômeno da paternidade na adolescência. Novamente, a fotografia e o espaço dialógico construído durante a pesquisa favoreceu a manifestação de ideologias e formações discursivas que circundam o pensamento social e delineiam as representações sociais dos adolescentes e dos jovens pais.

Eu acho que a gente não tem mentalidade pra ser pai, ser mãe ainda não. Porque tá naquela época ainda, adolescente, que eles falam que é meio maluco (risos), tá criando, inventando (menino)

A gente não tem responsabilidade para cuidar nem da gente, em certas partes, aí tem uma pessoa, uma outra vida do lado da gente [filho]. O quê que a gente vai fazer? (menina)

Embora nenhum dos jovens participantes do estudo tenha vivenciado o processo de paternidade, constata-se em suas falas a percepção deste fenômeno como algo negativo e restritivo. Resultados semelhantes vem sendo evidenciados em estudos semelhantes, revelando que apesar das transformações da família na contemporaneidade, a gestação e a paternidade na adolescência ainda são representados como um evento patológico e punitivo³²⁻³⁴. Nessa direção, a paternidade implicaria em novas responsabilidades quase sempre incoerentes com o modo de vida dos adolescentes. Soma-se ainda a necessidade de gerar recursos para sustento dos filhos e maior atenção disponibilizada na criação do mesmo.

Ah! A gente não vai ter mais tranquilidade com uma criança. A gente não vai poder sair, não vai poder curtir. Todos aqui gostam de parque, gostam de cinema, no máximo a gente vai trabalhar ficar em casa cuidando do filho (menina)

Este sentimento de “moratória social” do adolescente perpetuado na sociedade contemporânea predispõe um olhar negativo sobre a paternidade adolescente, já que esta faixa etária encontra-se associada mais à irresponsabilidade e a onipotência do que a uma transição para a vida adulta³⁵.

Por outro lado, como já apontado, acreditamos que o uso da fotografia associado à criação de espaços comunicativos e que favoreçam a reflexão crítica revela-se como uma estratégia

promissora e capaz de ressignificar os sentidos atribuídos à paternidade. A dimensão educativa e informativa do uso do ensaio fotográfico associado a uma intervenção foi percebida e destacada pelos adolescentes. Esta proposta parece romper com os modelos instituídos de educação afetivo-sexual que frequentemente reduzem os adolescentes a espectadores passivos e desconsideram seus saberes, vivências e afetos.

Eu acho que foi muito bom, muito interessante né, porque tipo assim, igual a mãe das meninas aqui mesmo, porque é muito fechado, então assim, não tem, tipo assim, uma pessoa, alguém para chegar, parar e conversar (menino)

Tipo assim... foi interessante porque eu fiquei sabendo de coisa que eu não ia saber dentro de casa. Porque tipo assim, o que a gente não sabe dentro de casa, lá fora eles ensinam para a gente, o que eu achei muito importante é isso, eu aprendi várias coisas dentro deste espaço. (menino)

Os adolescentes também apresentaram como proposta de utilização a circulação do ensaio fotográfico em outros espaços com grande circulação de adolescentes. Desse modo, aponta-se para o potencial de utilização das imagens fotográficas em outros contextos, revelando-se como uma tecnologia educativa capaz de fomentar a reflexão sobre o tema, bem como ser incorporada nas práticas preventivas e de promoção da saúde. A utilização em novos contextos poderá ser objeto de novos estudos desenvolvidos posteriormente.

Eu acho que nas escolas seria bem interessante. E ia ser bem diferente, bem bacana igual foi aqui. Ai todo mundo ia parar e pensar, nossa que legal, que não sei o que que tem. Tipo fizesse um debate com os professores, seria bem interessante. (menino)

Na minha opinião, além das escolas, postos de saúde. Acho que uma boa também podia ser nas ruas. [...] Acho que isso aí, ia chamar bem mais atenção. (menino)

Conforme ressalta um dos adolescentes, é preciso reconfigurar e transformar as práticas educativas, dando a elas um caráter mais dialógico e dinâmico, muito incoerente com as ações institucionalizadas e engessadas ainda presentes nas escolas, serviços de saúde e em outros dispositivos sociais que se propõe a trabalhar com este público.

Este trem de lugar fechado, lugar quadrado, sem ânimo, mete o trem no meio de uma praça. Um lugar que “bombe”, onde que passem assim e “nó o que que é isso?” É igual aquele povo que fica fazendo mágica, porque que todo mundo para? Não é? Eu acho uma coisa muito engraçada. Então, vão sair desta forma mais quadrada de sala de aula, vão fazer uma coisa mais meio praça, ruas, ar livre. (menino)

Torna-se necessário a construção de propostas educacionais abertas ao diálogo com o campo das artes, tendo em vista que a complexidade da existência não pode ser mirada apenas pelas lentes

da ciência³⁶. Entretanto, as intervenções educativas pautadas nas artes não devem desconsiderar o seu compromisso sociopolítico na formação de cidadãos que assumam o desafio de refletir sobre si e sua história, produzindo assim, transformações coletivas que possibilitarão o exercício pleno da cidadania.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise do processo de construção do ensaio fotográfico “Qualé Papai!” e o discurso dos adolescentes participantes deste estudo apontam para o potencial do uso da fotografia no âmbito da Saúde Coletiva, revelando tratar-se de um importante dispositivo capaz de disparar processos de significação e produção de sentido, indispensáveis para as práticas de promoção, educação e comunicação em saúde.

Observa-se que as imagens fotográficas constituíram-se como importantes mediatizadores da relação dos adolescentes com o seu mundo, subsidiando a reflexão sobre o tema da paternidade adolescente. De forma semelhante, percebe-se que o uso da fotografia possibilitou lançar luz sobre um tema até então obscurecido e pouco vislumbrado pelos participantes, retirando os jovens pais da invisibilidade, levando-os a ocupar um lugar de protagonista na cena fotográfica.

Não bastam para aproximar de imagens como as presentes no ensaio fotográfico “*Qualé Papai?!*”, ferramentas formais para defini-las e/ou chancelá-las como válidas esteticamente. O olho do fotógrafo, aqui, é tão importante quanto seu corpo, sua capacidade imaginativa e sua inserção social. Muito antes de ser uma narrativa fotográfica documental sobre o universo da paternidade adolescente, o que está colocado por estas imagens é um todo complexo que as geraram.

Qual mensagem poderia ser compreendida por quem não partilha de maneira endógena deste contexto? E mesmo entre as pessoas que partilham elementos culturais, que sentido teria essa imagem ao ser processada por um filtro sensível subjetivo? Temos então um ensaio fotográfico expressivo, com múltiplas formas de ser abordado e que pode desta forma, abrir portas para que a pesquisa sobre este universo encontre os sujeitos sem encaixotá-los em mensagens decodificáveis em sua totalidade. Para viabilizar a divulgação do ensaio fotográfico e facilitar sua utilização nos espaços da Saúde e educação foi elaborada a Exposição virtual “Qualé Papai!: um outro olhar sobre a paternidade adolescente” o mesmo esta sendo disponibilizado em mídia digital. Trata-se de um CD no qual os 16 painéis fotográficos, que compõem o ensaio, são visualizados no formato slide⁸.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Trindade ZA, Menandro MCS. Pais adolescentes: vivência e significação. Estudos de Psicologia (UFRN). 2002, 7(1):15-23.

⁸ A exposição virtual também encontra-se disponível na internet no endereço: <http://www.slideshare.net/alinesodrez/quale-papai-virtual>

2. Toneli MJF, Medrado B, Trindade ZA, Lyra J. Paternidades e políticas de saúde no contexto da gravidez na adolescência. In: Toneli MJF; Medrado B, Trindade ZA, Lyra J. O pai está esperando? Políticas públicas de saúde para a gravidez na adolescência. Editora Mulheres: Ilha de Santa Catarina, 2011, p.11-24.
3. Valente MBB, Medrado B, Lyra J. Ciência como dispositivo de produção da paternidade: análise de produções científicas brasileiras. Athenea Digital. 2011, 11:57-72.
4. Medrado B, Lyra J, Toneli MJF, Trindade ZA, Valente M, Quirino T, Machado M, Felipe D, Oliveira L, Dantas LG, Silva MC, Gondim S. Literatura científica sobre gravidez na adolescência como dispositivo de produção de paternidades. In: Toneli MJF; Medrado B, Trindade ZA, Lyra J. O pai está esperando? Políticas públicas de saúde para a gravidez na adolescência. Editora Mulheres: Ilha de Santa Catarina, 2011, p. 25-53.
5. Nogueira MJ, Modena CM, Schall VT. Interface entre educação e saúde:descrevendo uma estratégia educativa propícia ao diálogo, reflexão e troca de experiências sobre sexualidade co adolescentes. Educação em Foco. 2008, 11:70-89.
6. Teixeira HAN. Fotografia: campo expandido para o ensino de arte. Belo Horizonte. Dissertação [Mestrado em Artes]. Universidade Federal de Minas Gerais; 2012.
7. Parente A (Org). Imagem Máquina. Rio de Janeiro: Ed.34, 1993.
8. Fabris A. Identidades virtuais: uma leitura do retrato fotográfico. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2004.
9. Sontag S. Sobre fotografia. São Paulo: Companhia das letras, 2004.
10. Teixeira HAN. Fotesquemias. Belo Horizonte. Monografia (Graduação em Artes) Universidade Federal de Minas Gerais; 2010.
11. Le Goff J. Memória-História. Enciclopédia Einaudi. v. 1. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda 1994.
12. Bazin A. A ontologia da imagem fotográfica. In: _____. O cinema. São Paulo: Brasiliense, 1991, p. 19-26.
13. Aumont J. A imagem. 9. ed. Campinas: Papyrus, 2004.
14. Dubois P. O ato fotográfico e outros ensaios. Campinas: Papyrus, 1994.
15. Benjamin W. Pequena história da fotografia, In: _____. Magia e Técnica, Arte e Política. São Paulo: Brasiliense. 1985, p: 91-107.

16. Oliveira Junior A. A luz do social nas imagens: fragmentos teóricos na fotografia de documentação social. *Anais do Museu Histórico Nacional*. 2000, 32:51-70.
17. Morais F. A arte é o que eu e você chamamos de arte. Editora Record: Rio de Janeiro. 4. ed; 2002.
18. Neiva-Silva L. Expectativas futuras de adolescentes em situação de rua: um estudo autofotográfico. Porto Alegre. Dissertação [Mestrado em Psicologia]. Universidade Federal do Rio Grande do Sul; 2003.
19. Kossoy B. Realidades e ficções na trama fotográfica. 3ªed. Cotia: Ateliê Editorial, 2002.
20. Kossoy B. Os tempos da fotografia: O Efêmero e o Perpétuo. Cotia: Ateliê Editorial, 2007.
21. Sabato E. La resistência. Buenos Aires: Seix Barral, 2000.
22. Kirst P. Fotográfico e subjetivação: Hibridização, multiplicidade e diferença. Porto Alegre. Dissertação [Mestrado em Psicologia]. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2000.
23. Sato L. Olhar, ser olhado e olhar-se: notas sobre o uso da fotografia na pesquisa em psicologia social do trabalho. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho (USP)*. 2009, 12:217-25.
24. Instituto Brasileiro De Geografia E Estatística. Censo demográfico. Brasília: IBGE, 2001. [acesso em: 10 de julho de 2012]. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/>.
25. Pichon-Rivière E. O Processo Grupal. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
26. Bardin L. Análise de conteúdo. São Paulo: Martins Fontes, 1976.
27. Justo S, Vasconcelos MS. Pensando a fotografia na pesquisa qualitativa em Psicologia. *Estudos em Psicologia*. 2009, 9(3):706-74.
28. Rodrigues RC. Análise e tematização da imagem fotográfica. *Ciência da Informação*. 2007, 36(3): 67-76, 2007.
29. Fuller N. Paternidades en América Latina. Lima: Pontificia Universidad Católica del Perú, Fondo Editorial, 2000.
30. Lima CA. Representações em Imagens Equivalentes. Recife. Dissertação [Mestrado em Comunicação]. Universidade Federal de Pernambuco (UFPE); 1998.
31. Capanema CA, Vorcaro AMR, Viana FJM, Melo VPR, Curvelano ARC, Santos MPG. A

relevância da paternidade entre adolescentes como função estruturante do sujeito. Pós em Revista. 2011, 4:1-8.

32. Carvalho GM, Merighi RN, Jesus MCP. The experience of repeated fatherhood during adolescence. Midwifery. 2008

33. Hoga LAK, Reberte LM. Vivências da paternidade na adolescência em uma comunidade brasileira de baixa renda. Rev Escola Enferm USP. 2009, 43(1):110-116.

34. Nogueira MJ, Martins AM, Schall VT, Modena CM. “Depois que você vira um pai...”: adolescentes diante da paternidade. Adolescência & Saúde. 2011, 8(1): 28-34.

35. Calligaris C. A adolescência. Coleção Folha Explica: São Paulo:Publifolha, 2000.

36. Teixeira HAN. Fotografia: uma investigação sobre seu ensino em espaços não formais. Revista dos Mestrados do Programa de Pós-Graduação em Estudos Contemporâneos das Artes. 2012, 4(4):53-8.

Artigo apresentado em 10-02-14

Artigo aprovado em 11-03-14

Artigo publicado no sistema em 29-12-14